

**SERGIPANOS EM SÃO PAULO: REDES SOCIAIS, CONTATO DIALETAL E
PRONÚNCIA VARIÁVEL DE VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS**

***SERGIPANOS IN SÃO PAULO: SOCIAL NETWORKS, DIALECT CONTACT AND
VARIABLE PRONUNCIATION OF PRE-STRESSED MID VOWELS***

Amanda de Lima Santana¹

Ronald Beline Mendes²

RESUMO

Esse artigo reporta resultados de análises da pronúncia das pretônicas /e/ e /o/ na fala de sergipanos residentes em São Paulo. O principal objetivo foi verificar se a natureza de suas redes sociais (aberta – contato frequente com paulistanos; fechada – mais contato com migrantes nordestinos) tem correlação com a pronúncia dessas vogais (mais próxima da sergipana ou da paulistana). A variável foi tratada como numérica (por meio de medidas de F1). Os resultados não confirmam a hipótese de que os sergipanos da rede mais aberta se “acomodam” mais à fala paulistana do que aqueles da rede mais fechada.

Palavras-chave: Vogais médias pretônicas. Acomodação dialetal. Redes sociais. Sergipe. São Paulo.

ABSTRACT

This article analyzes the pronunciation of pre-stressed mid vowels /e/ and /o/ in the speech of Sergipanos living in São Paulo. The main goal was to verify if the social networks formed by these migrants (open – with frequent contact with Paulistanos; closed – with more contact with other migrants from Northeastern Brazil) correlate with their pronunciation of these vowels. The dependent variable was treated as numeric (measures of F1). Results suggest that the accommodation hypothesis

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística pela Universidade de São Paulo (FFLCH).

2 Professor do departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (FFLCH).

cannot be confirmed: migrants of the more open network do not accommodate more to the São Paulo pattern than those of the more closed network.

Keywords: Pre-stressed Mid vowels. Dialect contact. Accommodation. Social networks. Sergipe. São Paulo.

Introdução

Os processos de acomodação dialetal, no sentido de Trudgill, (1986), isto é, aqueles que se dão no longo prazo, ainda são pouco estudados no cenário nacional. Sobre nordestinos residentes em São Paulo, por exemplo, se tem notícias, até o momento, de um número reduzido de trabalhos: Gomes da Silva (2014), Silva *et al* (2016), Oushiro (2016, 2017), Santos (não publicado, 2017), Souza (2017) e Santana (2018). Por conta desse quadro, há ainda perguntas em aberto sobre processos de acomodação: de que maneira a rede de que participa o migrante influencia a variação na sua fala? A idade com que o migrante chega ao novo lugar de residência é um fator relevante? Qual é o papel do tempo de residência na nova localidade nesses processos?

Estudar a variação na fala de migrantes residentes em São Paulo representa um passo adiante na descrição e compreensão das peculiaridades do português dessa cidade, fortemente caracterizada por migrações, especialmente por parte de nordestinos (aproximadamente 30% dos migrantes no estado de São Paulo são nordestinos (IPEA, 2011)). Apesar de essa grande população nordestina residir em São Paulo, poucos estudos foram realizados levando em consideração tais grupos no cenário linguístico da cidade. O trabalho de Souza (2017) é um dos poucos que faz isso, em que se desenvolve uma análise comparativa entre paulistanos e baianos residentes na capital paulista, levando em conta padrões de variação das vogais médias pretônicas, das estruturas de negação, do uso de artigos diante de antropônimos e do emprego de certos itens lexicais.

As vogais médias pretônicas constituem uma das variáveis mais estudadas no Brasil, uma vez que ela é diferenciadora de dialetos (MOTA & CARDOSO, 2015). Nascentes (1953 [1922]), por exemplo, utiliza essa variável para diferenciar os falares brasileiros do norte e do sul: naqueles existe predominância de vogais médias abertas ([ɛ] e [ɔ]), enquanto nos últimos predominam as vogais médias fechadas ([e] e [o]). Bisol (1981) e Klunck (2007), no Rio Grande do Sul; Viegas (1987) e Bisinotto (2011), em Minas Gerais; Silva (1989) e Soares (2004), na Bahia; Yaconvenco (1993) e Marques (2006), no Rio de Janeiro, são apenas alguns exemplos da grande quantidade de estudos desenvolvidos sobre essa variável.

O conceito de redes sociais (MILROY & LLAMAS, 2013 [2002]) é crucial para este estudo, pois por meio desse tipo de coleta é possível “mapear” as interações sociais dos informantes (no sentido de considerar quem conversa mais com quem) e verificar, por exemplo, se o contato mais frequente entre nordestinos migrantes (do que com paulistanos) explica ou não sua pronúncia de vogais médias pretônicas. Em outras palavras, a coleta de dados foi feita considerando-se as redes de que participam os falantes (em vez de partir de estratificações baseadas em sexo/gênero, faixa etária e escolaridade, por exemplo) porque parte-se da premissa de que os migrantes podem aproximar sua performance linguística às daqueles com quem conversam mais frequentemente. Vale esclarecer que esse mapeamento serviu para organizar a amostra e que as conversas gravadas ocorreram entre o migrante e a pesquisadora e não entre os migrantes. A hipótese central do estudo é que os integrantes da rede mais aberta estão mais acomodados à pronúncia paulistana das vogais médias pretônicas do que os sujeitos da rede mais fechada, porque estes interagem mais frequentemente com outros migrantes nordestinos. Tal hipótese é testada de duas maneiras: primeiramente pela média de F1 das vogais de ambas as redes em comparação à média paulistana³ e, depois, através de um índice chamado de *integração à rede*, pelo qual se contabiliza o número de contatos de conterrâneos que cada informante tem dentro de sua própria rede.

Além das redes dos migrantes, o presente artigo traz análises de outra variável independente, a saber: *proporção de vida em São Paulo*. Com ela, busca-se testar a hipótese de que quanto mais tempo o migrante esteja vivendo na nova localidade, mais acomodada sua fala está à pronúncia paulistana.

O presente artigo, diferentemente da grande maioria dos trabalhos sociolinguísticos brasileiros sobre vogais, propõe uma análise das vogais médias pretônicas a partir de sua configuração acústica. Em vez de classificar cada ocorrência dessas vogais como “alta”, “média-alta” ou “média-baixa” (de oitiva), utiliza-se o valor de F1, medido para cada ocorrência, com o Praat (BOERSMA & WEENINCK, 2014). Dessa forma, trata-se a abertura dessas vogais como uma variável numérica e contínua, o que, por sua vez, permite abordar o processo de “acomodação” dialetal também como um contínuo. Para o tratamento de tais vogais, foram utilizados 4 scripts (EasyAlign (GOLDMAN, 2011), silac (OUSHIRO, 2015, 2018), silacpret (OUSHIRO, 2016) e Vowel Analyzer (RIEBOLD, 2013)) que serviram para automatizar a maior parte da extração dos dados (cf. SANTANA, 2018).

A análise das vogais na fala dos migrantes sergipanos é feita tomando-se por base ocorrências de /e/ e /o/ extraídas da fala de 7 paulistanos (da amostra SP2010 – MENDES & OUSHIRO, 2012).

3 Tal média foi calculada a partir dos dados da amostra SP2010 (MENDES & OUSHIRO, 2012). Mais detalhes são dados nos próximos parágrafos.

Para o estudo, um total de 3119 ocorrências de /e/ e 1926 de /o/ da amostra dos sergipanos migrantes, constituída por 27 falantes, foi analisado. Quanto à amostra paulistana, 350 ocorrências de /e/ e 350 de /o/ foram analisadas. Vale destacar que as ocorrências extraídas pertencem a palavras cujo contexto fonológico favorece o abaixamento da vogal, já que se busca, aqui, verificar se os migrantes estão deixando de abaixar a vogal em contextos propícios a esse fenômeno. Os testes estatísticos foram realizados na plataforma R (R CORE TEAM, 2017), que permite a criação de modelos de efeitos mistos.

Conceito de “acomodação”, estudos sobre redes sociais e suas contribuições

Para Trudgill (1986), o tipo de acomodação⁴ que mais interessa aos linguistas é aquela que se dá no longo prazo, no contato entre indivíduos de diferentes variedades regionais. Nesse caso, os principais interesses de pesquisa são: (i) determinar como os falantes se acomodam; (ii) em que medida eles se acomodam; (iii) por que em algumas situações alguns indivíduos produzem mais (ou tipos diferentes de) acomodação do que outros.

Esse autor considera também que é durante a interação face a face que se dá a acomodação e, nesse sentido, seu ponto de vista serve como uma justificativa para a utilização do método das redes sociais para desenvolver uma pesquisa sobre tal tema, uma vez que as entrevistas coletadas para o presente trabalho são de pessoas que interagem cotidianamente, o que permite analisar os padrões de cada uma delas e compará-los. Como resultado de processos de acomodação, Trudgill entende que ocorre a chamada difusão dialetal, definida como o momento em que o falante faz uso de uma nova variante⁵, ainda que na ausência de falantes da variedade que originalmente contém esse traço.

Partindo do pressuposto de que a fala das pessoas se acomoda aos padrões de variação daquelas com quem elas mais interagem face a face (TRUDGILL, 1986), o presente estudo faz uso do método das redes sociais (MILROY & LLAMAS, 2013 [2002]) para amostrar os sergipanos migrantes residentes em São Paulo. Os estudos sobre a variação na fala de migrantes desenvolvidos a partir

4 Convém destacar que o termo “acomodação dialetal”, para se referir ao processo pelo qual os migrantes podem (ou não) passar ao entrar em contato com um novo dialeto, não é unanimidade entre os pesquisadores. Souza (2017), por exemplo, prefere trabalhar com o conceito de “plasticidade dialetal”, definido por ele como uma “mudança adaptativa na estrutura do dialeto, numa situação de contato linguístico, sob influência de fatores externos”, como idade de migração, identidade e escolaridade, por exemplo. O termo “acomodação” pode pressupor uma espécie de “letargia” do migrante, como se a fala dele variasse menos em situação de contato dialetal. Entretanto, e como apontamos mais detalhadamente nas considerações finais do presente texto, verificamos que o gradiente de variação na fala do migrante é maior do que aqueles que não migraram.

5 À qual ele se acomodou ou que ele adquiriu.

do método das redes (definidas como teias infinitas de laços que se estendem a toda a sociedade, ligando as pessoas entre si) se justificam por uma série de motivos. Eles revelam, por exemplo, que a pronúncia variável entre diferentes gêneros e distintas faixas etárias não é explicada só pelas categorias macrossociais largamente estudadas em análises labovianas, mas também pelos tipos de laços existentes entre os membros de diferentes redes sociais. A importância de um estudo realizado sob tal perspectiva reside propriamente no fato de ser possível observar quais são as características das pessoas que falam de um determinado modo (e não de outro) e quais os tipos de relações que elas estabelecem com os indivíduos de seu entorno social.

O estudo de Milroy (1987 [1980]) é o mais lembrado entre os sociolinguistas e se mostra como um parâmetro para os que se debruçam sobre o método das redes. A autora analisou 8 variáveis fonológicas, a partir da fala de 46 informantes, a partir da relação com a estrutura das redes dos indivíduos entrevistados. A hipótese de Milroy era a de que os padrões de variação estariam relacionados à estrutura da rede social de cada sujeito. Um exemplo disso é a diferença verificada na fala dos homens e das mulheres de Belfast, explicada pelas características distintas de suas redes: os homens geralmente têm laços em redes mais densas (ou seja, redes em que um grande número de pessoas se conhecem) em comparação às mulheres e tal configuração está correlacionada aos diferentes padrões de língua verificados entre os dois gêneros⁶. O presente trabalho também lança um olhar para as possíveis diferenças nas redes de migrantes coletadas e para a influência disso no processo de acomodação dialetal de tais sujeitos.

Já Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), também a partir do método das redes sociais, mas em contexto brasileiro, desenvolveu um trabalho na região administrativa de Brazlândia, em Brasília, para analisar a fala de migrantes de regiões rurais. Seus objetos linguísticos foram 4: a vocalização do fonema alveopalatal lateral em posição intervocálica (como em “filha” e “trabalho”); a redução dos ditongos crescentes em finais de palavras (como em “polícia” e “gêmeo”); a concordância verbal variável na 1ª e na 3ª pessoa do plural. A intenção da autora foi verificar uma “tendência evolutiva do dialeto dos migrantes” (p. 16), observando a transição de um dialeto rural (ou caipira) para um falar considerado urbano. Com o método das redes, ela mapeou a frequência das interações entre os informantes de sua amostra e desenvolveu um índice chamado de integração, pelo qual ela controlou “o número de vínculos contraídos pelo migrante no ambiente urbano” (BORTONI-RICARDO, 2011 [1985]: 267). Semelhantemente ao trabalho de Milroy (1987 [1980]), mas em um contexto mais específico, de

6 “Men in the Belfast neighborhoods generally contracted denser and more multiplex localized network ties than women, and network structure correlated with language use patterns differently for men and women” (MILROY & LLAMAS, 2013 [2002]: 413).

contato dialetal, a principal contribuição desse estudo está na constatação de que existe “uma relação consistente entre estrutura de redes sociais e comportamento linguístico” (p. 270). Com esse trabalho, Bortoni-Ricardo (2011 [1985]) mostrou que alguns padrões de variação não poderiam ser explicados levando-se em conta as categorias macrosociais costumeiras na sociolinguística laboviana (sexo/gênero, classe, etc.), pois existia uma homogeneidade característica daquela comunidade em específico (ou seja, não generalizável). É nesse sentido que tal estudo interessa ao que está se desenvolvendo com os migrantes sergipanos em São Paulo: é possível que a variação na pronúncia das vogais médias pretônicas desses sujeitos esteja correlacionada a um contexto mais específico, ou seja, às interações existentes nas redes (interações mais abertas, que se dão entre os migrantes e paulistas/paulistanos, ou interações mais fechadas, que ocorrem, mais frequentemente, apenas entre os migrantes nordestinos).

As redes do presente trabalho são chamadas de aberta e fechada a partir das definições de Bortoni-Ricardo (2011 [1985]) para “rede isolada” e “rede integrada”:

“[a]s redes isoladas tendem a favorecer a manutenção da cultura rural e, portanto, a focalização do vernáculo. Exibem um alto grau de densidade consensual ou moral que funciona como um mecanismo de resistência à mudança. Tal resistência não opera necessariamente ao nível da consciência (...), [p]elo contrário, é consequência do próprio estado de isolamento.” (p. 135)

“As redes integradas são territorialmente dispersas e mais heterogêneas no que concerne às oportunidades de estabelecimento de vínculos. Esses são constituídos e implementados em uma gama mais ampla de contextos sociais.” (p. 135)

A partir desses conceitos, espera-se que os sergipanos da rede fechada (ou “rede isolada”) tendam a apresentar graus maiores de abaixamento de pretônicas, indicando, assim, menor acomodação à pronúncia paulistana, em sentido oposto, portanto, dos migrantes da rede mais aberta (ou “rede integrada”).

Um estudo mais recente, e que faz coro às descobertas de Milroy (1987 [1980]) e de Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), é o de Battisti *et al.* (2007), que foi desenvolvido em Antônio Prado, no Rio Grande do Sul, com dois tipos de rede – uma rural e outra urbana. A pesquisa foi realizada com 48 participantes, divididos entre homens e mulheres, de quatro faixas etárias (15 a 30 anos, 31 a 50 anos, 51 a 70 anos, 70 ou mais anos) e o objeto linguístico era a frequência da palatalização das oclusivas alveolares (como em “tipo” e “dica”). Os dados mostraram que a palatalização ocorreu mais na zona urbana da cidade, onde os laços estabelecidos entre os sujeitos “não fortalecem um vernáculo local” (p. 23). O vernáculo local caracteriza-se justamente pela não palatalização, variante essa que se mostra como conservadora e que está presente massivamente na fala dos mais idosos. A palatalização, por sua vez, é a variante inovadora, pronunciada majoritariamente pelos habitantes mais jovens. Em

outras palavras, significa dizer que as redes dessas duas faixas etárias se mostraram significativas para compreender as diferentes taxas de palatalização:

“em termos gerais, informantes que palatalizam interagem (menos intimamente) em rede com informantes que também palatalizam, sendo esses informantes jovens. Os usuários das formas não-palatalizadas são idosos que, em rede, conectam-se (com grau maior de intimidade) a informantes que tampouco palatalizam, geralmente idosos.”
(BATTISTI *et al.*, 2007: 26)

Battisti *et al.* (2007) mediram os diferentes tipos de relacionamento entre os informantes a partir de 3 graus distintos, do mais ao menos íntimo, método esse semelhante ao de Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), que elaborou um “índice de integração” para cada um dos indivíduos da rede, com o objetivo de verificar em que nível eles estavam inseridos no contexto urbano. No presente trabalho, de maneira muito próxima a esses referidos estudos, criou-se um índice para medir o quão integrado está o migrante à sua rede (formada pelos sergipanos que ele indicou e pelos quais ele foi indicado). Tal índice, chamado de *integração à rede*, deverá mostrar quais são os migrantes mais e menos integrados dentro de sua própria rede.

Migrantes sergipanos em duas redes

As duas amostras de redes de sergipanos foram construídas a partir de um informante âncora – não no sentido de Bortoni-Ricardo (2011 [1985]: 147), com base em Mitchell (1969: 13) (“o(s) indivíduo(s) específico(s) cujo comportamento o pesquisador deseja estudar”), mas meramente como um ponto de partida para o contato de informantes da sua rede e para a gravação das entrevistas. No sentido de verificar se existem mais semelhanças ou diferenças entre redes distintas, que não têm contato entre si, estabeleceu-se o critério de que os sujeitos de uma não conhecessem os da outra e vice-versa.

O âncora da rede 1 foi uma mulher (ReginaL⁷), conhecida pela documentadora (sem laços fortes, por meio de raros encontros). Já no caso da rede 2, a coleta da amostra começou com um homem (JoãoS) conhecido de uma pessoa próxima à pesquisadora. Ao final dessas duas primeiras entrevistas⁸, solicitou-se aos respectivos âncoras que indicassem as dez pessoas com as quais mais

7 Trata-se de um pseudônimo, assim como todos os outros nomes que aparecerem daqui por diante (a letra maiúscula final refere-se à primeira letra de seu sobrenome verdadeiro).

8 As entrevistas duraram entre 40 minutos e 1 hora e 30 minutos e envolvem perguntas sobre a infância no estado natal, a vinda para São Paulo, o contato com paulistanos e nordestinos, atitudes linguísticas (de qual pronúncia mais gosta e de quais não gosta, mas esse tópico não será discutido aqui), sobre se tem vontade de retornar ao Nordeste, entre outros assuntos (ver Anexo B).

conversassem diariamente (inclusive membros da família). Os indicados foram entrevistados e indicaram outras dez pessoas que fizessem parte de sua rotina – e assim sucessivamente, conforme ilustra a Figura 1 a seguir⁹.

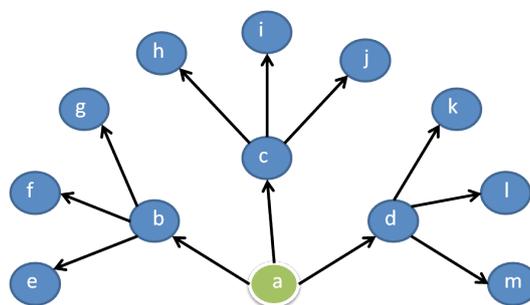


Figura 1: Representação do mecanismo de coleta da amostra por rede social (Fonte: elaboração própria)

Dentre os indicados, entrevistaram-se apenas os sergipanos, mas os demais foram levados em conta no intuito de determinar como se constitui o círculo social de cada sujeito da amostra e, portanto, de sua rede (mais aberta ou mais fechada).

A rede 1 é considerada mais fechada que a 2 porque a grande maioria de seus integrantes estabelecem contato com seus conterrâneos ou com outros nordestinos, dentro do próprio bairro onde moram ou em seus locais de trabalho. Por exemplo, dentro da rede 1, temos: JulioL que trabalha numa fábrica que emprega muitos nordestinos; RodrigoL que está afastado do trabalho por conta de seu problema de saúde e que fica mais recluso no bairro, interagindo em grande parte com seus vizinhos nordestinos; JoaquimS que trabalha em uma empresa de metalurgia onde se relaciona com outros nordestinos (assim como no seu bairro); JonasS que é aposentado e passa a maior parte do tempo em seu bairro, onde convive com nordestinos. Tais cenários são diferentes daqueles observados na rede 2, formada por migrantes que conversam, mais frequentemente, com pessoas nascidas em São Paulo e que não necessariamente moram no mesmo bairro. Constatamos que JoãoS, âncora da rede 2, namora uma paulistana, mora com sua nora também paulistana e tem três filhos que cresceram em São Paulo. VandaR tem três filhos e dois deles são nascidos e criados na região metropolitana de São Paulo. CarlaB, que trabalha numa escola de Barueri (outra cidade da Grande São Paulo), interage frequentemente com os colegas de profissão, com os alunos e seus pais, que não são majoritariamente nascidos fora da região Sudeste. O objetivo principal do artigo, portanto, é analisar a possível relação entre esse número de interações com o processo de acomodação dialetal, ou seja, a pergunta que se faz é: o informante

9 Para simplificar a ilustração, a imagem mostra apenas três indicações feitas por cada indivíduo. Houve ainda sobreposição de indicações (por exemplo, assim como “a” indicou “b”, “b” indicou “a” como uma das pessoas com quem ele mais conversa), porque era esperado que duas pessoas que conversam frequentemente indicassem umas às outras.

que tem bastante contato com outros sergipanos apresenta menores taxas de acomodação em relação às outras pessoas que têm menos interação com outros indivíduos da mesma rede?

Além das interações, a própria mobilidade geográfica dos falantes possibilita a classificação da rede 1 como mais fechada e a 2 como mais aberta. A rede 1 é caracterizada por mulheres que ficam mais em casa (caso da RitaL, RoseS e RuthT, quando esta não está em horário de serviço), diferentemente daquelas da rede 2, pois CarlaB procura sair com sua filha e fazer passeios em São Paulo e EleonorB viaja com certa frequência para alguns lugares do Brasil (em grupos de turismo). EleonorB e VandaR frequentam a academia e lá interagem com pessoas que não são nordestinas.

As Figuras 2 e 3 mostram que alguns indivíduos “recebem muitas flechas”, o que indica uma intensa conexão entre eles com o resto da rede. Por outro lado, nem todos os integrantes de uma mesma rede estabelecem laços fortes entre si, ou seja, todos se conhecem, mas não necessariamente interagem com muita frequência. Além disso, há informantes, na rede 1, que são familiares e que se encontram quase diariamente e há informantes que são apenas vizinhos e que conversam com uma frequência menor. Os migrantes da rede 2, por sua vez, são todos de uma mesma família, mas alguns deles têm menos contato com o restante das pessoas por morar em bairros mais distantes, por exemplo.

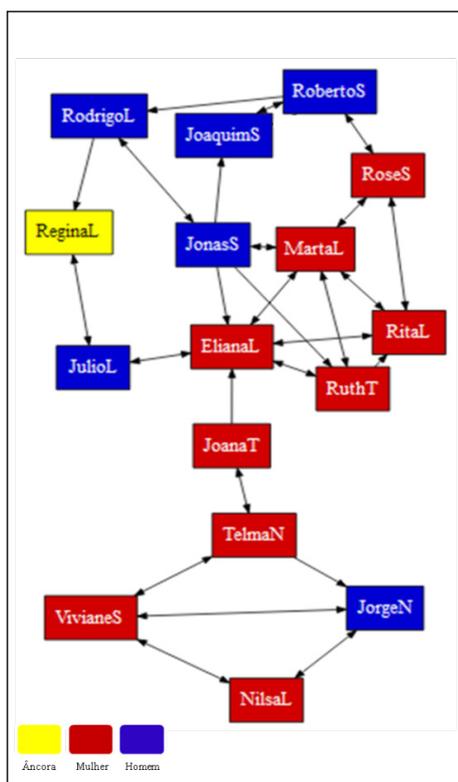


Figura 2: Representação da rede 1 de sergipanos residentes em São Paulo (Fonte: elaboração própria)

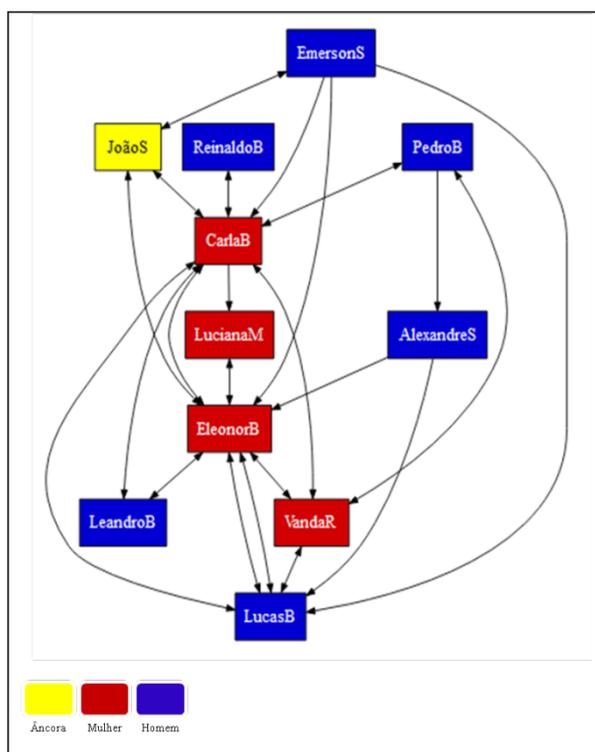


Figura 3: Representação da rede 2 de sergipanos residentes em São Paulo (Fonte: elaboração própria)

As interações mencionadas acima foram operacionalizadas a partir do que se chamou de *Índice de integração à rede*. Logo após a entrevista sociolinguística, o migrante informava quem eram seus 10 contatos mais frequentes em seu dia a dia, se familiares ou amigos. Tanto os nomes dessas pessoas quanto a origem delas eram anotados, para que fosse possível mapear a rede de contatos de todos os migrantes. A hipótese formulada para essa variável é que quanto mais o migrante estiver integrado à sua própria rede, menor é sua taxa de acomodação, porque mais contatos com sergipanos ele tem.

O cálculo realizado para o desenvolvimento do índice se deu da seguinte maneira: 1) contagem do número de sergipanos, também pertencentes à rede entrevistada, que o migrante citou; 2) contagem do número de vezes que o migrante foi citado (caso quem o citou não tenha sido indicado pelo informante no passo 1)¹⁰; 3) soma desses números; 4) divisão entre o número obtido no passo 3 e o número de informantes que a rede contém. Por exemplo, ReginaL citou apenas 1 migrante sergipano com o qual ela tem contato rotineiramente, a saber, JulioL (ele também a citou de volta, mas apenas 1 direção foi contada) e outro migrante (RodrigoL) a citou como um contato frequente, somando, assim, 2 laços; esse número foi dividido por 16, pois a rede 1 contém 16 informantes. ReginaL, portanto, apresenta um índice de integração à rede igual a 2/16, ou seja, 0,125. Tal índice, então, pode ir de 0 a 1.

¹⁰ Por exemplo, supondo que o migrante A tenha citado B e que B também tenha citado A, esse laço entre eles é contado apenas uma única vez (e não duas vezes), para cada um dos migrantes A e B.

Entre os indivíduos da rede 1, os mais integrados são MartaL e RitaL (Tabela 1), com os índices 0,5 e 0,4375, respectivamente. Isso significa que são elas as que mantêm contato com o maior número de pessoas da própria rede. JoaquimS, por sua vez, é o que mantém menos laços com os migrantes de sua própria rede, mas isso não significa que o contato que ele tem com outros nordestinos (fora da rede entrevistada) também seja baixo. A maior parte da rede 1 é formada por pessoas de uma mesma família, contudo, esse não é o caso de JoaquimS, e isso explica, em parte, sua pouca integração à rede.

Quanto à rede 2, as mais integradas são EleonorB e CarlaB, com os índices 0,727 e 0,818, respectivamente. EleonorB foi a primeira pessoa da família a migrar para São Paulo e ela serviu como apoio para os demais que migraram depois. Nesse sentido, é compreensível que seu papel na família tenha uma importância muito significativa e seu alto índice se explica pelas várias relações estabelecidas pelos familiares em relação a ela. CarlaB, por morar na mesma casa que a sogra (EleonorB) e por ser uma pessoa dinâmica, também estabelece um número alto de vínculos com os familiares de seu marido. Vale destacar que foi ela que auxiliou a pesquisadora na etapa de contatar os indivíduos para realizarem a entrevista sociolinguística. Dentre os menos integrados da rede 2 estão LucianaM e ReinaldoB, os quais não residem próximo ao restante da família. Enquanto a maioria dos integrantes da rede mora um próximo do outro (na mesma rua ou no mesmo bairro), eles dois estão um pouco distantes, em outra cidade. Por esse motivo seus índices são bastante baixos.

Tabela 1 – Relação dos valores do índice de integração à rede e da proporção de vida em SP para cada migrante

Rede	Informante	Índice de integração	Proporção de vida em SP ¹¹
1	ElianaL	0,3125	0,7
	JoanaT	0,187	0,62
	JoaquimS	0,0625	0,62
	JonasS	0,375	0,5
	JorgeN	0,1875	0,63
	JulioL	0,1875	0,6
	MartaL	0,5	0,62
	NilsaL	0,125	0,45
	ReginaL	0,125	0,63
	RitaL	0,4375	0,63
	RobertoS	0,3125	0,45
	RodrigoL	0,375	0,57
	RoseS	0,25	0,5
	RuthT	0,3125	0,66
	TelmaN	0,25	0,66
	VivianeS	0,1875	0,75
2	AlexandreS	0,363	0,44
	CarlaB	0,727	0,4
	EleonorB	0,818	0,62
	EmersonS	0,454	0,7
	JoãoS	0,363	0,41
	LeandroB	0,181	0,9
	LucasB	0,545	0,71
	LucianaM	0,181	0,67
	PedroB	0,454	0,78
	ReinaldoB	0,181	0,49
	VandaR	0,454	0,71

Vemos na Tabela 1 que não há uma distribuição uniforme dos informantes ao longo dessa escala de índices: a maioria deles apresenta um valor menor que 0,5. Por conta disso, os sujeitos da amostra foram reagrupados – de acordo com a Tabela 2. O grupo 3 tem migrantes cujos índices variam num intervalo relativamente grande (com uma diferença de 0,4 entre o menor e o maior número, enquanto nos outros grupos a diferença é de aproximadamente 0,1), mas manter esses informantes num mesmo conjunto justifica-se pela necessidade de não se criar grupos muito menores – a fim de tornar factível tal análise.

¹¹ Essa variável é descrita mais adiante.

Tabela 2 – Reagrupamento dos migrantes de acordo com seu Índice de integração à rede

Grupo	Índice de integração à rede	Informantes	N
1	De 0,062 a 0,187	JoanaT; JoaquimS; JorgeN; JulioL; LeandroB; LucianaM; NilsaL; ReginaL; ReinaldoB; VivianeS	10
2	De 0,25 a 0,375	AlexandreS; ElianaL; JoãoS; JonasS; RobertoS; RodrigoL; RoseS; RuthT; TelmaN	9
3	De 0,437 a 0,818	CarlaB; EleonorB; EmersonS; LucasB; MartaL; PedroB; RitaL; VandaR	8

Os sergipanos entrevistados¹² residem em cinco cidades diferentes: Taboão da Serra e Cotia (rede 1, mais fechada) e São Paulo, Osasco e Carapicuíba (rede 2, mais aberta). Todas elas fazem divisa com São Paulo e apenas Osasco e Taboão da Serra não fazem fronteira entre si. Na rede 1, há certa homogeneidade quanto ao tempo de residência dos migrantes em São Paulo: 30 anos, em média. Por outro lado, a rede 2 apresenta uma variação maior (um de seus integrantes está em São Paulo há apenas 16 anos, enquanto outro está há 45, por exemplo). Quanto à escolaridade, a rede 2 tem uma migrante com ensino superior completo, diferentemente do que se vê na rede 1, em que os mais escolarizados são os que concluíram o ensino médio. Essas informações são importantes para compreender melhor as características de ambas as redes, mas apenas o tempo de residência na nova localidade será analisado no presente artigo, através da variável *proporção de vida em São Paulo*.

Em relação à variável *proporção de vida em São Paulo*, espera-se que o informante que tenha vivido a maior parte da sua vida em São Paulo apresente uma acomodação maior à pronúncia paulistana. O cálculo é realizado por meio da divisão entre o número de anos que o falante está morando em São Paulo e sua idade:

$$\text{proporção de vida em SP} = \frac{\text{número de anos que está em São Paulo}}{\text{idade do migrante}}$$

A escolha pela proporção e não apenas pelo número de anos que o falante está na nova cidade se deu porque o número de anos pode dar uma impressão errônea acerca do migrante. Por exemplo, vamos imaginar duas pessoas com idades diferentes, uma com 18 anos e outra com 40, sendo que a primeira migrou há 9 anos e a segunda há 20. Dessa maneira, a impressão que temos é que quem está há 20 anos em São Paulo, possui uma maior probabilidade de estar mais acomodada¹³ do que a que

12 Ver o Anexo A para mais informações sobre os informantes.

13 Hipoteticamente falando, sem levar em consideração o peso de outras variáveis.

migrou há apenas 9, mas isso não é necessariamente verdade. Portanto, comparar tais pessoas a partir da perspectiva da proporção de vida significa levar em conta tanto os anos vividos no estado natal quanto os vividos no estado atual.

Na Tabela 1 vimos que a grande maioria dos migrantes da amostra tem praticamente a mesma proporção de vida em São Paulo. Assim, com o intuito de tornar factível uma análise estatística, foi necessário reagrupar os migrantes de acordo com tal variável.

Tabela 3 – Agrupamento dos migrantes de acordo com sua “Proporção de vida em São Paulo”

Grupo	Proporções	Informantes	N
1	De 0,34 a 0,57	AlexandreS; CarlaB; JoãoS; JonasS; NilsaL; ReinaldoB; RobertoS; RodrigoL; RoseS	9
2	De 0,6 a 0,67	EleonorB; JoanaT; JoaquimS; JorgeN; JulioL; LucianaM; MartaL; ReginaL; RitaL; RuthT; TelmaN	11
3	De 0,7 a 0,9	ElianaL; EmersonS; LeandroB; LucasB; PedroB; VandaR; VivianeS	7

A Tabela 3 mostra que os migrantes foram divididos em 3 grupos, de forma que cada um, ainda que tenham poucos informantes cada, tem quantidades comparáveis de pessoas. O maior conjunto é o 2, com 11 informantes, e se somarmos esse número à quantidade de sujeitos do grupo 3, vemos que dois terços dos migrantes da amostra estão em São Paulo mais da metade da vida.

Como a hipótese central de que trata esse artigo diz respeito à acomodação da fala dos migrantes das duas redes à fala paulistana, utilizou-se uma subamostra do Projeto SP2010 (MENDES & OUSHIRO, 2012)¹⁴: 7 informantes (Tabela 4) da amostra paulistana utilizados para a comparação com a fala dos migrantes têm uma escolarização mais baixa (até ensino médio) e pertencem à faixa dos 30 anos de idade, perfis esses compatíveis com os sergipanos entrevistados. A escolha de tais sujeitos, portanto, baseou-se nas similaridades entre os informantes de ambas as amostras. A utilização dessa subamostra ainda se justifica na medida em que ela também foi utilizada por Oushiro (2016), o que permite a comparabilidade entre os trabalhos.

14 Disponível em <http://projetosp2010.fflch.usp.br/corpus>. Último acesso em 26/07/2017.

A SP2010 – Amostra da Fala Paulistana, construída entre 2011 e 2013 pelos integrantes do Grupo de Estudos em Sociolinguística da Universidade de São Paulo, é constituída de 60 entrevistas sociolinguísticas, realizadas com homens e mulheres, pertencentes a uma extensa faixa etária (dos 19 aos 89 anos), com diferentes níveis de escolaridade e residentes de zonas variadas da cidade.

Tabela 4 – Informantes da amostra paulistana (SP2010) utilizados para comparação com os migrantes

Informante	Sexo	Idade	Escolaridade
AliceM	F	30	Médio
AnaS	F	32	Médio
RenataC	F	35	Médio
RobsonF	M	31	Médio
NelsonF	M	37	Médio
MauricioB	M	36	Médio
LucianoT	M	39	Médio

Dados

Como o intuito central dessa pesquisa é verificar se está ocorrendo acomodação na fala de sergipanos em São Paulo em direção à pronúncia paulistana, decidiu-se analisar apenas aquelas palavras em que mais há favorecimento ao abaixamento da vogal, uma vez que há contextos, na variedade sergipana, nos quais os falantes podem alçar a vogal pretônica (como no caso de “menino”) ou realizá-la como média (em “depois”, por exemplo). De acordo com Mota (1979), sobre a comunidade sergipana de Ribeirópolis, favorecem o abaixamento da vogal pretônica: vogal baixa /a, ε, o/ na sílaba contígua à pretônica (como em “memória” e “coragem”); uma vogal nasal que não seja alta (como em “dezembro”); a presença da fricativa velar /x/ em coda silábica ou no ataque¹⁵ (como em “mercado” e “relógio”). Além disso, evitou-se incluir palavras em que a média pretônica ocorria em casos de ditongo, por conta da dificuldade de se segmentar as vogais nesses casos, pois é difícil verificar onde uma vogal termina e outra começa, tanto visualmente (olhando para a onda sonora) quanto de oitiva (como em “doação”, por exemplo). Todas as realizações que se encaixavam nas condições anteriormente descritas foram extraídas, mas alguns dados foram excluídos porque apresentavam algum tipo de alteração causada por ruídos do ambiente¹⁶.

15 No ataque da mesma sílaba a qual pertence a vogal pretônica ou o ataque da sílaba seguinte. No caso do ataque da sílaba seguinte, pode ocorrer um tepe (como em “coragem”).

16 Mesmo tendo cuidado na escolha do ambiente de gravação, alguns ruídos foram inevitáveis (como barulho de telefone, de conversas ao fundo, etc.).

Tabela 5 – Total de ocorrências das vogais em posição pretônica extraídas

Amostra	Informantes	(e)	(o)	Total
SESP-2016	AlexandreS	26	11	37
	CarlaB	219	106	325
	EleonorB	133	94	227
	ElianaL	91	94	185
	EmersonS	63	44	107
	JoanaT	74	23	97
	JoãoS	155	118	273
	JoaquimS	100	46	146
	JonasS	110	59	169
	JorgeN	115	60	175
	JulioL	98	63	161
	LeandroB	97	54	151
	LucasB	151	59	210
	LucianaM	90	100	190
	MartaL	72	91	163
	NilsaL	157	72	229
	PedroB	116	88	204
	ReginaL	124	72	196
	ReinaldoB	205	71	276
	RitaL	104	78	182
	RobertoS	40	27	67
	RodrigoL	230	160	390
	RoseS	120	43	163
	RuthT	133	120	253
	TelmaN	61	45	106
	VandaR	143	77	220
VivianeS	92	51	143	
	Total	3119	1926	5045
SP2010	AliceM	50	51	101
	AnaS	50	51	101
	LucianoT	50	50	100
	MauricioB	50	49	99
	NelsonF	50	49	99
	RenataC	50	50	100
	RobsonF	50	50	100
		Total	350	350

A partir dos critérios estabelecidos, obteve-se um total de 3119 vogais pretônicas /e/ e 1926 /o/, da amostra SESP. Da amostra paulistana, foram extraídas 350 ocorrências de /e/ e também 350 de /o/. Para a presente pesquisa, quatro *scripts* foram utilizados para o tratamento das vogais médias pretônicas: EasyAlign (GOLDMAN, 2011), silac (OUSHIRO, 2015), silacpret (OUSHIRO, 2016) e Vowel Analyzer (RIEBOLD, 2013), os quais serviram para automatizar a maior parte da extração das ocorrências (cf. SANTANA, 2018).

É importante dizer ainda que é desejável que os valores de frequência de formantes, numa pesquisa como esta, sejam normalizados porque o trato vocal de cada indivíduo tem efeito na produção dos segmentos fônicos. Na tentativa de minimizar possíveis enviesamentos, usa-se a normalização de Lobanov (1971), que é considerada pelos foneticistas como o melhor procedimento, de acordo com Barbosa & Madureira (2015), que explicam que tal técnica

“altera os valores brutos das frequências de formantes para valores normalizados por *z-score*, que são relativos aos valores de média e de desvio padrão de todas as vogais de cada falante. O *z-score* é a distância em relação à média em unidades de desvio padrão de todas as vogais de cada falante.” (p. 269)

É importante destacar que os valores de F1 analisados no presente artigo se referem às médias de cada grupo. Ou seja, tanto a rede 1 quanto a rede 2 têm uma média de F1 para /e/ e para /o/, obtida pela soma de todos os valores de F1 das vogais extraídas e dividida pela quantidade de ocorrências.

Discussão e análise dos resultados

Tal como vimos anteriormente, seria de esperar uma correlação entre a natureza das redes sociais dos migrantes na nova cidade em que se estabeleceram e sua variação na pronúncia de vogais médias pretônicas. Mais especificamente, o conjunto dos migrantes que integram a rede 2 apresentaria um padrão mais semelhante ao paulistano, uma vez que se trata de uma rede mais aberta, em que os migrantes nordestinos estabelecem contatos rotineiros com paulistanos (e não apenas com outros nordestinos que também migraram para São Paulo). Diferentemente, o conjunto de falantes da rede 1 (mais fechada), não se aproximaria (ou se aproximaria menos) ao padrão paulistano (mantendo valores de F1 mais altos – médias pretônicas mais baixas, portanto), assemelhando-se mais ao padrão sergipano de tendência de pronúncia dessas vogais.

Tabela 6 – Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica nas duas redes em comparação com SP2010 (N = 3454)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
<i>(Intercept)</i>	392,163	4,214	93,063	< 0,001 ***
Rede 1	3,672	4,330	0,848	0,409
Rede 2	2,678	4,421	0,606	0,553

Modelo: $\text{lmer}(F1.NORM \sim REDE2 + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA))^{17}$, data=vogal.e2)

A Tabela 6 resume um modelo de regressão linear para a vogal /e/ em que se comparam as duas redes com a amostra paulistana (cuja média de F1 – 392,163 Hz – foi estabelecida como o valor de referência – o chamado *intercept*). As diferenças entre as estimativas de F1 para cada uma das duas redes de sergipanos e a média paulistana são pequenas (3,672 e 2,678, respectivamente) – o que significa que a média de F1 para nenhuma das duas redes se diferencia significativamente da média paulistana. A confirmação de nossa hipótese seria observada com uma média de F1 significativamente maior para a Rede 1 (mais fechada). Nesse caso, teríamos um valor significativamente maior para a média de F1 para o conjunto de sergipanos dessa rede, o que seria indicativo de que eles estariam mantendo o padrão de pronúncia da média pretônica /e/ como uma vogal mais baixa que no padrão paulistano. Em outras palavras, de acordo com os resultados resumidos na Tabela 6, as médias para ambas as redes se assemelham à paulistana (*intercept*) e não podemos entender que o conjunto de migrantes da rede 2 (mais aberta que a rede 1) acomodou-se mais ao padrão paulistano do que os da rede 1.

Tabela 7 – Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica nas duas redes em comparação com SP2010 (N = 2272)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
<i>(Intercept)</i>	397,854	6,317	62,984	< 0,001 ***
Rede 1	11,218	6,522	1,720	0,109
Rede 2	14,513	6,686	2,171	0,048 *

Modelo: $\text{lmer}(F1.NORM \sim REDE2 + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA))$, data=vogal.o2)

17 Nesse modelo (e nos que seguem), *Informante* e *Palavra* foram adicionados ao cálculo como “efeito aleatório”. Segundo Levshina (2015) e Oushiro (2017), os efeitos aleatórios são os agrupados da população utilizada na amostra. Isto é, se outros informantes e outras palavras estivessem sendo testados nesses modelos, seus efeitos poderiam não ser os mesmos que os que estão sendo apresentados aqui. Em outras palavras, pode-se dizer que os efeitos fixos são os que podem ser replicados entre as diferentes pesquisas (como valor de F1, tipo de sílaba, etc.) e os aleatórios são aqueles que mudam de estudo para estudo (informante, palavra, etc.). Incluir *Informante* e *Palavra* como efeitos aleatórios aumenta a confiabilidade do modelo.

Por outro lado, para a vogal /o/, a Tabela 7 revela uma diferença significativa entre a média de F1 para os migrantes da rede 2 e a média paulistana. O valor dessa diferença é 14,513 Hz, de modo que se a média paulistana é 397,854 Hz, a média da rede 2 é 412,367 Hz (397,854 + 14,513). A diferença entre 397,854 Hz (a média paulistana) e 412,367 Hz (a média da rede 2) é estatisticamente significativa ($p^{18} = 0,048$). Isso significa que os migrantes da rede 2 estão mantendo um padrão de pronúncia de /o/ como uma vogal mais baixa do que no padrão paulistano (valores mais altos de F1). Em outras palavras, para a vogal /o/, os migrantes da rede 1 (mais fechada), no seu conjunto, se aproximam ao padrão paulistano, enquanto os da rede 2 mantêm um padrão mais próximo do sergipano. Interpretamos esses resultados, portanto, como evidência de que os migrantes da rede 1 (mais fechada) acomodaram-se ao padrão paulistano, mas os da rede 2 não. Diferentemente do que vimos para /e/, no processo de acomodação dialetal para a vogal posterior pretônica, interessa se o sujeito pertence a uma rede fechada ou aberta, pois os integrantes da rede mais aberta tendem a produzir vogais mais abertas (valores de F1 mais altos). Nesse sentido, o teste confirma o oposto do que foi aventado pela hipótese inicial: os sujeitos menos acomodados à pronúncia paulistana da vogal /o/ são os da rede 2 e não os indivíduos da rede mais fechada (rede 1).

O que se viu aqui, em resumo, é que tal como foram coletados os dados, não se pode dizer que: i) as redes se diferenciam, no que diz respeito a valores médios de F1 para /e/; ii) os migrantes da rede 2, quanto à vogal /o/, estão menos acomodados em relação aos da rede 1.

No que concerne à variável *índice de integração à rede*, vimos, na seção “Migrantes sergipanos em duas redes”, que ela consiste no grau que cada migrante está conectado a sua rede: quanto maior o índice, com mais pessoas, de sua própria rede, o falante mantém contato. A hipótese, nesse sentido, é de que quanto mais o migrante interage com seus conterrâneos, maior é sua tendência de abrir as vogais.

Os migrantes que pertencem ao conjunto 1 são os menos integrados às suas respectivas redes, enquanto que os do grupo 3 são os mais integrados, ou seja, são aqueles que mantêm contato com várias pessoas de sua rede. Espera-se, portanto, que os sujeitos menos integrados apresentem médias de F1, tanto para /e/ quanto para /o/, menores que as dos indivíduos mais integrados.

18 O valor de p indica a probabilidade de obter tais resultados caso a hipótese nula fosse verdadeira (ou seja, caso não houvesse diferença significativa entre a média da rede 2 e a média paulistana). Como essa probabilidade é suficientemente baixa (menor que 5%, tal como se faz normalmente nas ciências humanas – GRIES, 2013), entende-se que podemos rejeitar a hipótese nula e que é significativa a diferença entre os dois valores.

Os resultados extraídos dos modelos para a vogal /e/ (Tabela 8) revelam que não há diferença significativa entre os migrantes mais e menos integrados à sua respectiva rede. As estimativas para os três grupos são muito próximas entre si, o que significa que não faz diferença, para o padrão de variação em relação a /e/, se o falante tem mais ou menos contatos com sergipanos dentro de sua própria rede. Esse resultado é verificado nos dois modelos: sem e com a inclusão da amostra paulistana.

Tabela 8 – Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogais /e/ pretônicas dos migrantes de acordo com o índice de integração à rede (N = 3119)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
Sem incluir SP2010				
(Intercept)	298,744	6,973	42,840	< 0,001 ***
Indice.Integracao 2	-1,080	2,647	-0,408	0,687
Indice.Integracao 3	-2,094	2,290	-0,779	0,444
Com a inclusão de SP2010				
(Intercept)	392,161	4,228	92,744	< 0,001 ***
Indice.Integracao 1	4,129	4,442	0,930	0,367
Indice.Integracao 2	3,738	4,494	0,832	0,418
Indice.Integracao 3	1,828	4,494	0,407	0,690

Modelo: lmer(F1.NORM ~ F1.SEG.NORM + CONT.PREC + CONT.SEG + IND.INTEG + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), data = vogal.e.redes)

Os resultados para a vogal /o/ estão na Tabela 9. Mais uma vez, os modelos mostram que não há diferença significativa entre as estimativas dos três grupos e nem em relação à estimativa dos paulistanos. Não importa, então, para a realização de /o/ como uma vogal mais ou menos alta, se o migrante está menos ou mais integrado à sua rede.

Tabela 9 – Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para a vogal /o/ pretônica dos migrantes de acordo com o índice de integração à rede (N = 1926)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
Sem incluir SP2010				
(Intercept)	272,660	10,938	24,926	< 0,001 ***
Indice.Integracao 2	1,217	3,270	0,372	0,713
Indice.Integracao 3	0,232	2,285	0,071	0,944
Com a inclusão de SP2010				
(Intercept)	397,866	6,782	58,668	< 0,001 ***
Indice.Integracao 1	12,370	7,180	1,723	0,107
Indice.Integracao 2	13,123	7,242	1,812	0,091
Indice.Integracao 3	12,027	7,243	1,661	0,119

Modelo: lmer(F1.NORM ~ F1.SEG.NORM + CONT.PREC + CONT.SEG + IND.INTEG + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), data = vogal.o.redes)

No trabalho de Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), o índice de integração foi tomado como “um indicador do processo de transição do migrante de uma rede isolada de parentes e conhecidos na sua vivência no ambiente da pré-geração para uma rede integrada mais heterogênea” (p. 187), ou seja, quanto mais alto tal índice, mais adiantado o migrante estaria nesse processo de transição e, como consequência, mais difuso estaria seu dialeto rural porque ele estaria empregando formas urbanas com mais frequência. Na presente pesquisa, por outro lado, essa relação é inversa, pois a hipótese que aqui se aventava é que quanto mais o informante estiver integrado à rede, ou seja, quanto mais se comunica com outros sergipanos, menos ele ou ela tenderá a se acomodar à fala paulistana. Ou seja: enquanto que Bortoni-Ricardo estudou uma comunidade que ainda estava se formando a partir de intensos fluxos migratórios, o presente estudo se volta para um contexto urbano já consolidado.

Bortoni-Ricardo verificou que havia correlação entre o índice de integração e as diversas variáveis linguísticas na fala de seus migrantes: os sujeitos mais integrados usavam, com maior frequência, as variantes urbanas, de modo que sua hipótese foi confirmada. Diferentemente do que foi atestado aqui, o índice de integração não está correlacionado à variação na pronúncia tanto de /e/ quanto de /o/, o que significa que a hipótese aventada não corresponde aos resultados obtidos.

Para a variável *proporção de vida em São Paulo*, cujas variantes foram chamadas de “grupo 1” (migrantes com as menores proporções), “grupo 2” (proporções intermediárias) e “grupo 3” (maiores proporções), na seção do texto intitulada “Migrantes sergipanos em duas redes”, a expectativa que se tem é que os migrantes que pertencem ao grupo 1 estejam menos acomodados à fala paulistana.

Tabela 10 – Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para a vogal /e/ pretônica na fala dos migrantes, de acordo com sua proporção de vida em São Paulo (N = 3119)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
Sem incluir SP2010				
(Intercept)	312,763	9,742	32,105	< 0,001 ***
PROP.SP2	1,437	2,221	0,647	0,524
PROP.SP3	-5,471	2,487	-2,200	0,038 *
Com a inclusão de SP2010				
(Intercept)	392,194	3,572	109,798	< 0,001 ***
PROP.SP1	3,755	3,773	0,995	0,338
PROP.SP2	5,365	3,745	1,433	0,175
PROP.SP3	-0,534	3,855	-0,139	0,892

Modelo: lmer(F1.NORM ~ F1.SEG.NORM + CONT.PREC + CONT.SEG + PROP.SP + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), data = vogal.e.redes)

Os modelos para a vogal /e/ (Tabela 10) apontam para dois aspectos: enquanto que o primeiro (sem a inclusão da amostra paulistana) mostra que existe uma diferença significativa entre o grupo 1 (valor do *intercept*) e o 3, o segundo diz que nenhum dos grupos se distancia significativamente da estimativa da amostra paulistana. O segundo modelo, então, esclarece que não importa se o migrante está em São Paulo a maior parte da sua vida ou não, pois todos os grupos estão acomodados à variante paulistana, em menor ou maior grau. A diferença só é significativa dentro da própria amostra dos migrantes sergipanos, de maneira que os sujeitos do grupo 3 (os que estão em São Paulo a maior parte de sua vida) tendem a produzir a vogal /e/ relativamente mais alta (ou seja, com valores menores de F1).

Já os modelos para a vogal /o/ revelam o oposto do que vimos para a vogal /e/: sem a inclusão da amostra paulistana, observa-se que não existe uma diferença significativa entre os grupos; contudo, quando a comparação é feita com SP2010, o teste assinala que os indivíduos dos grupos 1 e 3 não estão acomodados à vogal /o/ paulistana ($p = 0,049$, $p = 0,031$, respectivamente). Para esse segundo modelo, portanto, o grupo 2 é o mais acomodado. Tal resultado diverge da hipótese formulada a respeito dessa variável, pois se esperava que o grupo 3, o que está em São Paulo a maior parte da vida, fosse o mais acomodado.

Tabela 11 – Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para a vogal /o/ pretônica na fala dos migrantes de acordo com sua proporção de vida em São Paulo (N = 1926)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)	
Sem incluir SP2010					
(<i>Intercept</i>)	263,458	12,749	20,666	< 0,001	***
PROP.SP2	-3,517	2,946	-1,194	0,246	
PROP.SP3	1,056	3,294	0,321	0,751	
Com a inclusão de SP2010					
(<i>Intercept</i>)	397,857	5,865	67,841	< 0,001	***
PROP.SP1	13,841	6,271	2,207	0,049	*
PROP.SP2	9,165	6,181	1,483	0,166	
PROP.SP3	15,594	6,373	2,447	0,031	*

Modelo: $\text{lmer}(F1.NORM \sim F1.SEG.NORM + \text{CONT.PREC} + \text{CONT.SEG} + \text{PROP.SP} + (1|\text{INFORMANTE}) + (1|\text{PALAVRA}), \text{data} = \text{vogal.o.redes})$

Por sua vez, a diferença significativa entre o grupo 1 e a estimativa dos paulistanos, no segundo modelo, é um resultado dentro do esperado, porque são os migrantes com menos tempo em São Paulo.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo central analisar a acomodação dialetal de migrantes sergipanos que residem em São Paulo e que pertencem a redes sociais distintas, no que diz respeito à produção das vogais médias pretônicas /e/ e /o/. Nesse sentido, o presente trabalho avança em dois aspectos: no fato de analisar a fala de migrantes em São Paulo, o que ainda é pouco feito no cenário sociolinguístico brasileiro, e por realizar análises com valores de F1, em Hz, das vogais em foco, uma prática pouco desenvolvida no estudo de tal variável, pelo menos nas pesquisas de sociolinguística.

Quanto às características das redes analisadas, vimos que os integrantes da rede 1 se caracterizam por interagir mais frequentemente com outros migrantes nordestinos, diferentemente dos sujeitos da rede 2, que têm mais contato com paulistanos e paulistas. A partir dessas caracterizações, testamos a hipótese sobre se os contatos dos migrantes têm correlação com a sua pronúncia variável das pretônicas. Esse tipo de investigação só foi possível de realizar porque o método utilizado para a construção da amostra foi o das redes sociais. Isso significa dizer que métodos mais tradicionais da sociolinguística, como o laboviano, não permitiriam fazer esse tipo de análise.

Esperava-se, a partir da configuração acima referida, que os migrantes da rede 1 estivessem menos acomodados às vogais médias pretônicas dos paulistanos (ou seja, que ainda mantivessem maiores graus de abertura dessas vogais ou, em outros termos, valores maiores de F1). Entretanto, as análises quantitativas mostraram que essa hipótese não se confirma nos dados amostrados. Em relação à vogal /e/, de modo geral, ambas as redes estão acomodadas à fala paulistana. Quanto a /o/, viu-se que foi a rede 2 que não se acomodou, resultado esse oposto ao que estava sendo esperado.

Quanto à variável *Índice de integração à rede*, não se verificou uma correlação com os valores de F1 para nenhuma das duas vogais. Ou seja, não importou, para os dados aqui amostrados, e para a abertura de ambas as vogais, se o migrante era mais ou menos integrado a sua própria rede. Para a *Proporção de vida em São Paulo*, observamos que, para a vogal /o/, os migrantes com as menores proporções de vida (grupo 1) e as maiores (grupo 3) apresentam os valores mais altos de F1, o que indica uma não acomodação à fala paulistana. No caso de /e/, nenhuma correlação foi observada através dos testes estatísticos.

Uma possível explicação para a grande variação observada entre os migrantes entrevistados, no que se refere à pronúncia das vogais analisadas, se deve ao fato de que adquirir um novo dialeto não pressupõe, necessariamente, a substituição do original, portanto, o migrante (principalmente aquele que apresenta um padrão mais próximo da comunidade anfitriã) tem mais opções de realização (mais

do que o nordestino que não migrou e mais do que os paulistas/paulistanos), porque suas vogais podem ter ficado mais altas, no geral, ou passado a incluir, junto a realizações mais baixas, também realizações mais altas (o que culmina numa média de F1 maior). Isso significa dizer que o espectro de variação para o migrante é maior que os dos outros e, nesse sentido, o termo “acomodação” pode gerar uma expectativa de que a variação na fala do migrante poderia ser menor (mais parecida com a da comunidade anfitriã), quando, o que observamos, é uma variação maior.

É importante dizer ainda que, apesar de os resultados observados não terem convergido para a hipótese principal do estudo, a metodologia utilizada para a coleta de dados foi importante para compreender as dinâmicas sociais dos entrevistados (suas interações e deslocamentos, por exemplo) e, além disso, não se descarta a possibilidade de a configuração das redes ainda ser relevante para analisar outras variáveis linguísticas (que são diferenciadoras de dialetos também, como pronúncia de /d/ e /t/ diante de /i/). O estudo, portanto, fica como inspiração para ser replicado em outros grupos em situação de contato dialetal com o intuito de testar outras variáveis linguísticas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, P. & MADUREIRA, S. *Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do português*. São Paulo: Cortez, 2015.

BATTISTI, E. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, R. M. K. (Org.). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. URL: <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-7cap>

BATTISTI, E.; DORNELLES FILHO, A. A.; PIRES LUCAS, J. I.; BOVO, N. M. P. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 5, n. 9, p. 1-29, 2007. URL: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_palatalizacao_das_clusivas_alveolares.pdf

BISINOTTO, A. G. *O alçamento das vogais médias pretônicas: um estudo do falar Ituiutabano*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BOERSMA, P. & WEENINK, D. Praat: doing phonetics by computer. 2014. URL <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011 [1985].

GOLDMAN, J. P. EasyAlign: an automatic phonetic alignment tool under Praat. In: *Proceedings of InterSpeech*. 2011. URL: <http://latlcui.unige.ch/phonetique/easyalign.php>

GRIES, S. Th. *Quantitative Corpus Linguistics with R: a practical introduction*. New York and London: Routledge, 2009.

IPEA. Perfil dos migrantes em São Paulo. In: *Comunicados do IPEA*, nº 115, 2011. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5278/1/Comunicados_n115_Perfil.pdf. Acesso em: 26/10/2019.

KLUNCK, P. *Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2007.

LEVSHINA, N. *How to do Linguistics with R: data exploration and statistical analysis*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamim Publishing Company, 2015.

LOBANOV, B. M. Classification of Russian vowels spoken by different listeners. *J. Acoust. Soc. Am.*, v. 49, p. 606-608, 1971.

MARQUES, S. M. O. *As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MENDES, R. B. & OUSHIRO, L. “O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro.” *Alfa*, vol. 56(3), p. 973-1001, 2012. URL: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4942/4369>

MILROY, L. *Language and social networks*. 2ª ed. Oxford: Blackwell, 1987[1980].

MILROY, L. & LLAMAS, C. Social networks. In: CHAMBERS, J.K., TRUDGILL, P. & SCHILLING-ESTES, N. (Eds.) *The Handbook of Language and Change*. Malden, MA: Blackwell, 2 ed., p. 409-427, 2013 [2002].

MITCHELL, J. C. The concept and use of social networks. In: MITCHELL, J. C. (org.). *Social Networks in Urban Situations*. Manchester: Manchester University Press, 1969.

MOTA, J. *Vogais antes do acento em Ribeirópolis – SE*. 2v. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1979.

MOTA, J. & CARDOSO, S. Variação fônica nas capitais brasileiras. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2015. p. 65-78.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].

OUSHIRO, L. *silac: Silabificador, acentuador e transcritor fonológico do Português Brasileiro - v0.2*. Ms.. (script do R). 2015.

_____. *A acomodação dialetal e a estabilidade de padrões sociolinguísticos na fala adulta*. Relatório Científico de Pós-Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

_____. *Introdução à estatística para linguistas (Version 1.0.1)*. Zenodo. 2017. Disponível em: <http://doi.org/10.5281/zenodo.1133792>.

_____. *silac: Transcritor fonológico do português*. Versão online (v0.5.1). 2018. Disponível em: oushiro.shinyapps.io/silac. Acesso em 03/09/2018.

R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. *R Foundation for Statistical Computing*, Vienna, Austria, 2017. URL: <http://www.R-project.org/>

RIEBOLD, J. Vowel analyzer. Ms.. (script do Praat). 2013. URL: <https://raw.githubusercontent.com/jmriebold/Praat-Tools/master/Vowel-Analyzer.praat>

SANTANA, A. L. *As vogais médias pretônicas na fala de sergipanos em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo/FFLCH, São Paulo, 2018. 148f.

SANTOS, S. C. G. *Emprego do artigo definido em situação de contato dialetal: um estudo da fala de migrantes paraibanos em São Paulo*. Campinas: não publicado, 2017.

SILVA, M. B. *As pretônicas no falar baiano*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

SILVA, M. R; GOMES, A. A. A.; SOUZA, R. V. Contato dialetal: discussões iniciais do falar paraibano em São Paulo. In: IX SELIMEL. *Anais eletrônicos*. João Pessoa, 2016. URL: <http://www.selimel.com.br/wp-content/uploads/2016/03/Mikaylson-Rocha-gt-09.pdf>.

SOARES, A. S. *As pretônicas médias em comunidades rurais do semi-árido baiano*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

SOUZA, E. S. *Plasticidade dialetal na fala de migrantes baianos em São Paulo*. In: Seminários de Teses em Andamento (SETA). Campinas – SP, 2017.

TRUDGILL, P. *Dialects in contact*. Oxford: Blackwell, 1986.

VIEGAS, M. C. *Alçamento das vogais pretônicas*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

YACONVENCO, L. C. *As vogais médias pretônicas na fala culta carioca*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

Anexo A – Tabela 1 – Informantes sergipanos migrantes das duas redes

	Informante	Idade	Sexo	Escolaridade	Idade de migração	Tempo em SP	Ocupação
Rede 1	ElianaL	53	F	Fundamental I	17	37	Desempregada
	JoanaT	56	F	Fundamental I	21	35	Operadora de máquina de tecido
	JoaquimS	61	M	Fundamental I	23	38	Metalúrgico
	JonasS	50	M	Fundamental I	25	25	Aposentado
	JorgeN	49	M	Fundamental I	18	31	Mecânico industrial
	JulioL	55	M	Fundamental I	20	33	Operador de máquina injetora
	MartaL	47	F	Médio	19	29	Auxiliar de berçário
	NilsaL	55	F	Médio	30	25	Pensionista
	ReginaL	49	F	Fundamental II	18	31	Cozinheira
	RitaL	46	F	Fundamental II	17	29	Dona de casa
	RobertoS	55	M	Fundamental I	30	25	Ajudante geral
	RodrigoL	44	M	Médio	19	25	Encostado pelo INSS
	RoseS	50	F	Fundamental I	25	25	Dona de casa
	RuthT	44	F	Fundamental I	14	29	Empregada doméstica
	TelmaN	64	F	Fundamental I	22	42	Costureira
VivianeS	49	F	Fundamental II	12	37	Dona de casa	

Rede 2	AlexandreS	32	M	Médio	18	14	Motorista de pet shop
	CarlaB	40	F	Superior	24	16	Professora
	EleonorB	73	F	Fundamental II	29	45	Aposentada
	EmersonS	23	M	M é d i o incompleto	7	16	Funcionário de uma empresa de transporte
	JoãoS	44	M	Fundamental II	26	18	Funcionário de uma transportadora
	LeandroB	48	M	Médio	5	43	Funcionário público
	LucasB	49	M	Fundamental I	14	35	Metalúrgico
	LucianaM ¹⁹	54	F	Fundamental I	16	36	Dona de casa
	PedroB	45	M	Fundamental II incompleto	10	35	Taxista
	ReinaldoB	46	M	Fundamental II	24	22	Zelador e atleta
	VandaR	62	F	Fundamental I	17	44	Aposentada

Anexo B - Roteiro de perguntas

PARTE 1

- 01) onde você mora?
- 02) você gosta aqui do bairro? A vizinhança é tranquila?
- 03) quando você veio pra cá?
- 04) você tinha quantos anos na época?
- 05) por que que você veio pra São Paulo?
- 06) de onde você é?
- 07) você já conhecia alguém aqui?
- 08) vir aqui pra São Paulo já era uma coisa planejada?
- 09) logo que você veio, já tinha intenção de ficar por aqui mesmo?

¹⁹ Ela chegou a morar por 2 dois anos no Paraná, por isso que seu tempo em São Paulo é de 36 anos (e não 38).

10) como é que foi a infância lá?

11) (Se frequentou a escola, perguntar:) você estudou até que série lá?

12) você gostava de ir pra escola?

PARTE 2

13) você trabalha atualmente? gosta do seu emprego?

14) tem alguma outra coisa que você gostaria de fazer ou gostaria de ter algum outro emprego?

15) você é casado (a)?

16) tem filhos? (Se sim) todos nasceram aqui?

17) sua esposa/seu marido é daqui também?

18) (Se não for daqui) vocês vieram juntos ou um veio antes?

19) aqui em São Paulo, o que você acha desse bairro?

20) você sempre morou por aqui desde que você chegou?

21) (Se já morou em outros) e desses lugares que você morou, qual que você mais gostou?

PARTE 3

22) o que você costuma fazer quando tem tempo livre?

23) você costuma passear? Se sim, quais lugares você gosta de frequentar?

24) você acha que São Paulo oferece várias/boas opções de lazer? Ou você acredita que a cidade poderia ter mais opções?

25) pra você, qual o maior problema de São Paulo hoje? Por quê?

26) o que você acredita que o poder público poderia fazer para solucionar esse problema?

27) e qual é a melhor coisa que São Paulo oferece para as pessoas? Por quê?

PARTE 4

28) hoje você pensa em voltar pra Sergipe ou você já está definitivo aqui? Por quê?

29) você mantém contato com o pessoal de lá?

30) você costuma voltar?

31) (Se costuma voltar) como que vocês vão pra lá? De avião? De carro?

32) já fez essa viagem de ônibus também?

33) sua família que ficou lá em Sergipe vem pra cá às vezes?

34) alguém da sua família quer voltar pra Sergipe? Ou todos preferem continuar morando aqui em SP?

35) o que você percebe de diferente entre seu antigo bairro lá de Sergipe e aqui?

36) são quantos habitantes lá?

37) do que você mais sente falta de lá? Família? Comida? Clima?

PARTE 5

38) você tem família morando aqui em São Paulo também?

39) vocês costumam se ver, se reunir?

40) seus melhores amigos moram aqui no bairro ou a maioria é do seu trabalho?

41) você costuma conversar com seus vizinhos? Você gosta de conversar com eles? Costuma se reunir com eles com frequência?

PARTE 6

42) quando você conhece uma pessoa aqui em SP você sabe se a pessoa é de Sergipe ou se ela não é? você consegue reconhecer? (Se consegue) como?

43) e você consegue reconhecer quando uma pessoa é nordestina?

44) você acha que o sergipano é diferente em relação às pessoas dos outros estados nordestinos? O sergipano é diferente do baiano, por exemplo?

45) como é que fala o paulistano? você gosta do modo como o paulistano fala?

46) qual “sotaque” (pronúncia) que você mais gosta no Brasil?

47) você acha que você mudou seu jeito de falar desde que você chegou?

48) as pessoas reconhecem que você é de Sergipe?

49) você já sofreu algum tipo de preconceito por ser sergipano(a)?

50) você acha que o pessoal de São Paulo recebe bem os migrantes de outros estados? Ou você acredita que existe um nível alto de preconceito com os nordestinos em geral?

51) você tem bastante contato com paulistanos? E com pessoas de outros estados do Nordeste?

52) o que você percebe de diferente entre lá e aqui?

PARTE 7

53) quais são seus planos pro futuro?

54) se você ganhasse na Mega-Sena, o que você faria?

55) você já viajou pra outros lugares do Brasil? Quais?

56) vocês mantêm suas tradições? Existe alguma coisa que vocês faziam lá e que vocês fazem questão de continuar fazendo aqui?

57) você faria tudo de novo? Viria aqui pra São Paulo de qualquer jeito ou se você tivesse a cabeça de hoje, você acredita que faria diferente?